

O corpo em análise

Gabriel Lombardi

A Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano convoca para o *Encontro 2020* com um tema repetido. Repetido e, ao mesmo tempo, diferente, estranho; distante e próximo, vencido e atual: *Tratamentos do corpo em nossa época e na psicanálise*.

O que chamamos de “corpo”? Não o organismo que ele protege, tampouco a imagem que o duplica e o erige em coordenadas do discurso do amo, “tenho um corpo, é próprio”.

A pergunta se abre em perguntas. É este resto ao qual nos reduzimos no momento da angústia? É o conjunto em que os órgãos se reúnem, deixando de fora algum a título de causa do desejo? – essa causa que dá vida aos sistemas formais da língua, da gramática, da lógica, do laço social com o Outro. Como distinguir entre o corpo e seus exteriores, após o Outro ter sido nele incorporado?

O corpo é um saco de enigmas, resume Pascal Quignard.

A história da psicanálise nos deixou elementos para balizar o desenvolvimento das respostas que se desdobram nos registros já estudados: o simbólico, o imaginário, o real, o nome, o mito.

Como revisar essas coordenadas nestes anos em que *centennials* e, inclusive, *infans* habitam uma *second-life* virtual que substitui o laço social? “Comunicam-se” entre eles por meio de redes que dissociam o corpo, a presença e o nome. Alguns adultos, tardiamente, seguem o exemplo, fazem do *Tinder*, ou de outros *sites*, seu lugar de encontros. Apostam no encontro sob as condições lógicas atuais, a não-relação sexual já não é um segredo.

Como entender, nestes anos de feminismo justo e injusto, a castração enquanto operação de disjunção entre corpo e gozo? A equivalência sempre equívoca (e, em muitos casos, performtiva) entre pênis e falo gera mais e mais ficções que repercutem nos temores e desafios do homem, no riso da Medusa e no corpus lésbico. As redes sociais não oferecem agora dois sexos, mas gêneros quase de perder a conta, 84, por exemplo, na versão inglesa da rede social mais difundida. Em relação à castração, o capitalismo não ajuda a psicanálise. Está mais interessado na publicidade dirigida (*targeted ad, publicité ciblée*) do que nos cuidados analíticos do corpo. O analista erra quando responde a partir de uma posição “heteronormativa”: entra no jogo desta Sodoma vaticana detalhadamente descrita por Frédéric Martel e recém publicada, por via das dúvidas, em oito línguas simultaneamente.

Como abrir nossa apreciação aos corpos tratados com hormônios, com cirurgias, com apêndices tecnológicos e ideologias deleuzianas que prometem um trânsito normal em direção ao

pós-humano, categoria inevitável depois de Turing e à qual o *Cyborg Manifesto* de Haraway dá consistência *sinthomática*?

E como receber e escutar esses corpos falantes de autistas que não nos falam? E a esses outros que obnubilam a divisão subjetiva por meio de consumos nocivos de substâncias, de internet, de obscenidade digitalizada?

Lacan antecipou o sintoma social de nossa época: todos proletários, sem discurso com o qual fazer laço social. A esse vaticínio acrescentou o paradoxo de que, não por acaso, mas “por razões de pura lógica”, o capitalismo e a psicanálise – que é sim um modo de laço social – coincidem em uma mesma época.

Em contraposição à oferta numerosa e exterior de tratamentos do corpo, a análise convida a *historisterizar* o caminho íntimo que leva do sintoma, real com sentido, a um ponto em que “o real é mais forte do que a verdade”, real mítico que, em alguns de seus variados nomes, faz parte do estofo do *corpo falante de línguas equívocas*. Esse real se deduz a partir das marcas históricas no corpo, signos que oferecem ao analisante a ocasião de interrogar seu representante no Sistema, o S₁ decadente, o patriarca culpado de nossos males, mas também apoio tradicional incontornável de nossas reações sintomáticas ou sublimatórias – “tradição” vem de “transmissão”.

Acreditamos que a clínica analítica pode se abrir a outras marcas que assinalam, além da desestabilização do petróleo paterno, uma ausência de pergunta: efeitos psicossomáticos, incisões, *piercings*, *tattoos* de renovado politeísmo; subjetividades que evocam o extravio americano filmado em *Easy Rider*; o daqueles precursores que descobrem em um cemitério a sentença de Voltaire: “*Si Dieux n’existait pas, il faudrait l’inventer*”.

A diversidade ganha formas surpreendentes nestes anos e nos convida a revisar os modos em que nossa clínica “certa e transmissível”, a do discurso histórico, nos dá o suporte analisante para que a psicanálise encontre, nos sintomas somáticos, uma opção divergente do Sistema proletariado que desloca saberes e corpos.

A estas coordenadas que nos interpelam a partir da lógica, a partir da clínica e também dos movimentos mais ou menos sociais, acrescentam-se perguntas de índole ética.

Como situar o dízimo que há de pagar o analista para receber este Outro Narciso, homem, mulher ou como queira se identificar, recentemente cartografado por Colette Soler? Evitar o debate não é uma opção para nós.

E como invocar, no extravio metódico da análise, um desejo que revitalize o que resta ao corpo falante de línguas equívocas, essa libra de carne que pode servir para pagar o acesso ao desejo? O Sistema deixa lugar escasso a sua busca analítica, mas alguma chance resta se esse desejo é tão indestrutível como Freud intuiu nos inícios da psicanálise. Podemos situá-lo nas versões que atualmente dão corpo à paixão do sintoma, que é padecimento, gozo e protesto?

Talvez, a partir dessas coordenadas possamos voltar a interrogar em quê o tratamento analítico do corpo se distingue dos outros. Almejamos que nosso Encontro 2020 permita abrir as perguntas antes de fechá-las com mais doutrina, contemplar os debates clínicos da atualidade e sugerir interpretações dignas dos enigmas que nos apresenta a vertigem da civilização digital globalizante.

O *Encontro* será nos dias 10 e 11 de julho, e será precedido por um *Encontro de Escola*, no dia 9 de julho, dia da Independência Argentina. Ocasão talvez de revisitar o princípio lacaniano que diz que não há gozo que não seja do corpo, e de sopesar o impacto de nossa prática sobre o temor do corpo e de um final que não seja o da religião – que promete um corpo mais além da morte, esse que a tecnologia atual da imagem replica na exitosa figura do zumbi. Por isso, a passagem de analisante a analista, que se baseia nas coordenadas do fim da análise, engendra medo e distância. Entusiasmo e desejo, uma vez afrontado.

(Tradução: Maria Claudia Formigoni/Revisão: Ana Laura Prates)